



Questões da qualidade

Crónica de Carlos Castilho Pais

Passatempo

Tradumática

Álbum de Fotografias

Impressões de viagem

Quality issues

Chronicle by Carlos Castilho Pais

For fun

Tradumatics

Photo Album

Travel musings



3

### Contra a Corrente 🌸 Against the Current

Admirável Mundo Novo

Brave New World

4

### Questões da Qualidade 🌸 Quality Issues

ISO 9001:2008 & ISO 17100:2015

5

### “... da Ocidental praia lusitana” 🌸 “... from the Western lusitanian shore”

Lagos

6

### Em português 🌸 In Portuguese

Crónica de Carlos Castilho Pais

Chronicle by Carlos Castilho Pais

7

### Gosta de flores? 🌸 Are you a flower fan?

8

### Passatempo 🌸 For Fun !!!!!

9

### Crónica das Leiras 🌸 *Leiras'* farm chronicle

As aparências...

Appearances...

10

### An Englishman in Lisbon 🌸 Um inglês em Lisboa

11

### Biblioteca 🌸 Library

(Re)leituras :: (Re)reading

Poemas de Vida :: Lifetime Poems

13

### Tradumática 🌸 Tradumatics

*Macrium Reflect*

14

### Álbum de Fotografias 🌸 Photo Album

21

### Impressões de Viagem 🌸 Travel Musings

Da Formosa ao Rio das Pérolas: *Ah! Minha Dinamene*

From Formosa to the Pearl River: *Ah! My Dinamene*



1, 3 & 5 - Macau :: Macao; 2 & 4 - Lagos

## Admirável Mundo Novo Brave New World

Todos os dias nos extasiamos com novas maravilhas da tecnologia e, mais ainda, com as notícias de um “Admirável Mundo Novo” a caminho (designação bem menos sedutora para quem tenha lido a obra de Aldous Huxley).

A revolução tecnológica a que temos assistido não deixa dúvidas sobre a inevitabilidade da transformação radical do mundo em que vivemos, que se verifica a passos de gigante: “Estudos recentes indicam que quase a metade dos empregos dos Estados Unidos tem alta probabilidade de, em menos de dez anos, ser substituída por robôs, computadores, drones e outras inovações” (Carl B. Frey e Michael A. Osborne, *The future of employment: how susceptible are jobs to computerisation*, University of Oxford, 2013).

Não só a evolução das tecnologias de informação, mas, também, o sofisticado desenvolvimento da robotização, irão tornar, no espaço das próximas décadas, irreconhecíveis as mais simples rotinas do mundo tal como o conhecemos: a maior parte das profissões que hoje desempenhamos irão ser integradas em processos de automatização que reduzirão a mínimos inimagináveis a necessidade da intervenção humana.

Inevitavelmente, vem-nos à memória a era da revolução industrial e as transformações sociais que então se verificaram. E ocorre-nos perguntar:

- Então, e as pessoas?

O que é que vão fazer os milhões de pessoas cujas profissões vão esfumar-se nas labaredas desse crepitante mundo novo?

Curiosamente, a questão parece não preocupar ninguém.

No entanto, não deveriam as tecnologias estar ao serviço das pessoas? Não deveríamos estar, neste momento já, a investir seriamente em programas de requalificação profissional e na remodelação das matérias curriculares, a todos os níveis do Ensino?

Não deveríamos estar a redesenhar, a par do mundo das tecnologias, o mundo das pessoas?

Os exércitos de desempregados gerados no magma da revolução industrial foram “resolvidos” com pandemias e guerras. Estaremos à espera que a história se repita?

Estou certa (?) de que não.



Every day we are thrilled by new wonders of technology and, even more so, by the news of a “Brave New World” that is on the way (much less alluring to anyone who has read the book by Aldous Huxley).

The technological revolution we have been living through leaves no doubt as to the inevitability of the radical transformation of the world we live in, as it advances in giant steps: “Recent studies show nearly half of US jobs are at risk as result of computerisation, robotisation and other innovations such as drones, in less than ten years” (Carl B. Frey e Michael A. Osborne, *The future of employment: how susceptible are jobs to computerisation*, University of Oxford, 2013).

Not only is there the evolution of information technology, but also the sophisticated development of robotics will make the simplest routines of the world as we know it unrecognisable within the next few decades; most of the professions we do today will be integrated in automation processes that will reduce the need for human intervention to an unthinkable minimum.

Inevitably, the era of the Industrial Revolution and the social changes that occurred at that time come to mind. So we ask:

- And what about the people?

What will the millions of people do, whose professions will disappear in the smoke from the flames of this sizzling new world?

Interestingly, the question does not seem to bother anyone.

However, shouldn't technology be serving the people? Shouldn't we be seriously investing, right now, in retraining programmes, and in redrawing academic curricula at all levels of education?

Shouldn't we be redesigning the world of people, together with the world of technology?

The armies of unemployed people generated by the industrial revolution were “solved” by pandemics and wars. Shall we wait for history to repeat itself?

I'm (not) sure we're smarter than that. ■

magazinephilos

FUNDADOR :: FOUNDER  
Sílvia Oliveira

EDITOR :: EDITOR  
Margarida Fonseca Silva

TEXTOS :: TEXTS  
philos

COLABORAÇÃO ESPECIAL :: SPECIAL COLLABORATION  
Carlos Castilho Pais

VERSÃO INGLESA :: ENGLISH VERSION  
Thomas Kundert

DESIGN  
Vitor Silva  
Ricardo Fernandes

FOTOGRAFIA :: PHOTOS  
philos  
Sílvia Oliveira  
(Álbum de fotografias :: Photo Album)

PUBLICAÇÃO :: PUBLISHER  
philos - comunicação global, lda

WWW.PHILOS.PT  
ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.



Margarida Fonseca Silva  
(Managing Partner)

This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.



# ISO 9001:2008 & ISO 17100:2015



Paula Pires  
-Quality Manager-



Renovação da Certificação do SGQ: mais um ciclo completado com sucesso.

Após a auditoria levada a cabo em junho passado, a **philos** tem o prazer de informar todos os seus colaboradores, clientes e fornecedores da conclusão com sucesso do processo de renovação da certificação do seu Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ).

Com a transição para a norma ISO 9001:2015 no horizonte para ao próximo ano, este ano foi a vez de evoluirmos para a norma ISO 17100:2015, no âmbito da prestação de serviços de tradução.

Mais uma vez, estamos, todos, de parabéns!

Venho, por isso, congratular-me convosco por esta vitória que representa o êxito de todos os esforços que temos desenvolvido. Temos o maior apreço e estima por todos os que têm sabido compreender as dificuldades que se colocam, no nosso país em particular, a empresas que, como é o caso da **philos**, pugnaram desde a primeira hora por instituir a ética e a qualidade como bastiões incontornáveis da nossa atividade.

Honra-nos particularmente a confiança que em nós depositam os clientes e os colaboradores que mantêm com a **philos** uma colaboração de muitos anos, que se foi já enriquecendo com uma relação de amizade tão importante como a relação comercial.

A todos os colaboradores, clientes e fornecedores, os nossos agradecimentos.

Renewal of the QMS Certification: one more cycle successfully completed.

After the audit carried out in June, **philos** is delighted to inform all of our staff, customers and suppliers that the process to renew our Quality Management System (QMS) has been successfully completed.

With the transition to the ISO 9001:2015 standard coming up next year, this year saw us evolve to the ISO 17100:2015 standard, within the scope of provision of translation services. Once again, we are all to be congratulated!

I would like to congratulate everyone for this victory that caps the success of all the efforts made by us.

We have the utmost appreciation and esteem for all those who have understood the difficulties that companies in our country have faced, especially companies, like **philos**, who strive from the outset to institute ethics and quality as the untouchable cornerstones of their business.

We are particularly honoured by the trust shown in us by the customers and staff who have collaborated with **philos** for many years, which has led to a fruitful relationship of friendship – something equally as important as the commercial relationship.

To all of our staff, customers and suppliers, we say thank you. ■



# Lagos



\* Luís de Camões (1524-1580)

Quase terminada a época estival, nada melhor do que evocar sol e mar. E, sim, quase, porque por aqui o Verão teima em não querer fazer as despedidas. Contrariando os anos mais recentes, apenas com frescura e tímidas gotas de chuva a espaços, setembro tem-nos brindado com sol e canícula que são mais usuais em outros hemisférios.

Rumemos, então, a sul desta nossa ocidental praia lusitana. Já por lá havíamos andado, faz precisamente agora 5 anos, no nosso magazine n.º 39. À data, Albufeira mereceu honras de destaque mas, desta feita, a escassos 60Km a oeste encontramos Lagos que nos acolheu e encantou.

Para os amantes do sol, do mar e das praias, Lagos é um destino que vai diretamente para o livro das memórias inapagáveis.

Ao contrário de outras zonas do Algarve, aqui, sem grandes concentrações de visitantes, temos sempre espaço para encontrar a calma, contemplar a natureza e o património, deixando o bulício a repousar num qualquer local bem distante.

A Meia Praia, com um areal que se estende ao longo de 4Km, convida a banhos, passeios e brincadeiras de miúdos e graúdos. As gaiotas e caiaques fazem sucesso entre os banhistas que gostam de se aventurar mar adentro — mesmo que isso signifique afastar-se do areal apenas uns 50m. Mas, acreditem, para

quem pedala são quilómetros de distância! Ali ao lado, em pano de fundo, a Marina de Lagos e a Ponta da Piedade, onde repousam grutas magníficas, falésias de cortar a respiração e praias isoladas, quase inacessíveis, rodeadas apenas de natureza e vestidas pela rudeza da rocha.

A Marina de Lagos é o ponto de partida com destino à Ponta da Piedade. De veleiro, de barco, de catamarã... as escolhas são muitas, a certeza é única: im-per-dível!

Por tudo isto, e muito mais, Lagos é uma cidade perfeita para umas férias bem passadas. A repetir!



As the summer draws to a close, there's no better time to evoke the sun and the sea. This long summer is certainly drawn out, as it seems intent on not taking its leave. In contrast to the Septembers of recent years, with cool temperatures and intermittent showers of rain, the month has brought sunny and sultry days that one usually associates with other hemispheres.

Therefore, today we head southwards in our Lusitanian shore, not for the first time. Precisely five years ago, in magazine no. 39, Albufeira was the subject of this column, and this time we travel 60 km west from there to where we find the welcoming and charming town of Lagos.

For lovers of sun, sea and beaches, Lagos is a location that goes straight into the book of unforgettable destinations.

Unlike other regions of the Algarve, this zone is not overrun with visitors and it is the ideal spot to find calm and to contemplate the surrounding nature and heritage, far from the hustle and bustle of other places.

The “Meia Praia” beach, with its 4-km long stretch of sand, is an inviting calling card for both kids and grown-ups to bathe, stroll and have fun. The paddle boats and kayaks are popular with bathers who like to venture further out to sea – even if this means distancing oneself from the shore by just 50m. But for those pedalling, it seems more like 50 kilometres!

A stunning backdrop is provided by Lagos Marina and the Ponta da Piedade rock formations, which incorporate magnificent caves, breath-taking cliffs and remote almost inaccessible beaches, surrounded only by nature and the craggy outline of the rocks.

Lagos Marina is the starting point to visit Ponta da Piedade, with a variety of yachts, boats or catamarans on offer for an experience that cannot be missed!

For all these reasons and many more, Lagos is a perfect town for an extremely enjoyable holiday, and will leave you wanting to come back for more! ■

# Em português In Portuguese



Carlos Castilho Pais

[professor universitário :: university professor]

Acabo de receber a obra mais recente de um professor da Universidade de Vigo (Galiza) que, desde há muitos anos, se tem dedicado ao ensino da tradução técnico-científica de inglês e de alemão. Refiro-me ao professor Carlos Garrido e à obra *A tradução do ensino e divulgação da ciência*, editada pelo serviço de publicações da Universidade de Vigo (2016).

Faz todo o sentido que aqui se fale desta obra por vários motivos. Para além do valor científico da obra, devem realçar-se os factos de termos, a partir de agora, um manual que os professores da tradução científico-técnica do nosso país podem utilizar nas suas aulas e, facto que justifica que esta obra seja o tema desta crónica, um compêndio que pode servir aos tradutores para o esclarecimento de uma dúvida ou outra e para o aprofundamento teórico do fazer (prático) do dia-a-dia.

Não tratei de escrever uma recensão crítica, no seu sentido técnico. Dou o devido relevo apenas a algumas virtudes da obra, tendo em conta o contexto português.

Desde logo, devo referir a língua em que a obra está escrita e para que língua se efetua a tradução do inglês e do alemão. É o Galego a língua em que a obra está escrita e é para o Galego que se efetua a tradução do inglês e do alemão. Mas, basta abrir as primeiras páginas para nos darmos conta de como este Galego é tão próximo do português. Exemplo: «Digam-se aqui apenas duas palavras, breves mas convictas, a respeito do modelo de galego empregado na **composiçom** da monografia.» Na frase, apenas uma palavra (colocada por mim a negrito) não é familiar ao leitor português. ‘Este Galego’ foi opção do autor, muito bem explicada por Carlos Garrido na introdução à obra: «Trata-se de um galego (...) coordenado (...) com as suas variedades geográficas de lusitano e brasileiro (...).» Por isso, esta obra é tão importante no nosso contexto de ensino da tradução e no nosso contexto editorial. Com esta obra podemos ensinar a tradução técnica do inglês e do alemão para português.

Realço, no aspeto didático da obra, não só a profusão dos exemplos apresentados, mas também as fontes donde foram extraídos. Muitos deles têm origem na prática didática do professor Carlos Garrido, mas outros provêm de traduções publicadas e de artigos de enciclopédias, de manuais universitários, de artigos científicos, etc. Algumas destas fontes são de autores que escreveram em língua portuguesa, como pode verificar-se na bibliografia da obra. Mas, ainda no aspeto didático, realço o interesse para o ensino da tradução técnico-científica, das ‘categorias (79) de modificações substanciais’ que Carlos Garrido apresenta como ‘estratégias’ para resolver os problemas típicos deste género de tradução no capítulo 3 da obra.

Sabemos como proliferam, no caso português, os termos em inglês. Todo o esforço é pequeno para inverter esta situação. O problema é que, segundo nos parece, não existe qualquer esforço, muitas vezes, por parte de quem ensina e divulga a ciência. O neologismo, que não está esquecido na obra de Carlos Garrido, é uma possibilidade linguística para o tradutor; pois, que dela faça uso e assim resolveremos em parte este problema.

Consiente da importância desta obra, continuarei a divulgá-la junto dos meus alunos, dos meus colegas e dos meus amigos tradutores.

I have just received the most recent work by a professor from Vigo University (Galicia), who for years has devoted himself to teaching technical-scientific translation from English and German. I’m talking about Professor Carlos Garrido and the book in question is entitled *A tradução do ensino e divulgação da ciência*, published by Vigo University Publications (2016).

There are a number of reasons why this project should be discussed. As well as the scientific value of the work, we should highlight the fact that a textbook is now available for teachers of scientific-technical translation in Portugal to use in their lessons. The main reason I made this book the topic of this column, however, is that it is a compendium that can help clarify translators’ doubts they may have and enable them to have a more in-depth theoretical grounding for their (practical) day to day work.

I have not written a critical review, in the technical sense of the term. I simply highlight some of the virtues of the project, duly adapted to the Portuguese context.

To start with, I should point out the language in which the book is written, and the language into which it reflects on translation from English and German. It is written in Galician, and in it English and German are translated into Galician. But one need only read the first pages to see how similar this Galician is to Portuguese. For example, in the sentence “Digam-se aqui apenas duas palavras, breves mas convictas, a respeito do modelo de galego empregado na **composiçom** da monografia” only one word (highlighted in bold) is unfamiliar to a Portuguese reader. The author’s option to use ‘this Galician’ is clearly explained by Carlos Garrido in the book’s introduction: “It is a Galician (...) coordinated (...) with its Portuguese and Brazilian geographical varieties (...)”. That is why this book is so important in our context of teaching translation and given the available publications on this subject. We can use this book to teach the technical translation of English and German into Portuguese.

As regards the didactic aspect of the book, I highlight not only the profusion of examples presented, but also the sources from where they were extracted. Many come straight from Professor Carlos Garrido’s teaching practice, but others come from published translations and encyclopaedia articles, university textbooks, scientific articles, etc. Some of these sources are from authors who write in the Portuguese language, as can be seen in the bibliography. Also in relation to the didactic aspect, I stress the interest for teaching technical-scientific translation of the ‘categories (79) of substantial modifications’ that Carlos Garrido presents as ‘strategies’ to solve typical problems of this kind in chapter 3 of the book.

We know how Portuguese is increasingly proliferated with English terms. Every effort must be made to reverse this trend. The problem is that, in our opinion, very often no effort is made by those who teach and disseminate the science. As Carlos Garrido acknowledged, using neologisms is an option for translators; using them in part solves this problem.

Aware of the importance of this book, I will continue to spread the word among my students, my colleagues and my translator friends. ■



# Gosta de flores?

## Are you a flower fan?



Com a proximidade do outono, é grande a variedade de flores que se vão despedindo de nós. Mas há algumas que podemos colher a tempo de nos alegrarem a casa durante todo o ano, como se acabássemos de as colher no jardim.

A Lavanda do Mar (*Limonium sinuatum*) é uma delas. Também conhecida pelos nomes de Estátice e Limónio, é uma autóctone em algumas das regiões portuguesas, pelo que não é raro encontrá-la nos campos e bermas dos caminhos, particularmente em terrenos de origem xistosa.

Tanto em jardins, como depois de colhidas e secas, as flores produzem efeitos muito vivos devido à profusão das suas cores intensas que vão do azul a toda uma variada paleta de tons como rosa, amarelo, roxo, branco, lilás ou vermelho.

Depois de colhidas, basta colocá-las “de cabeça para baixo” até que sequem, mantendo as hastes direitas, e podemos então fazer arranjos, encher com elas jarras e jarrões, em cores isoladas ou variadas: além de mais colorido, o inverno vai parecer mais acolhedor...



As autumn approaches a large variety of flowers are taking their leave of us. But some can still be picked in time to brighten up the house all year round, as if we had just plucked them from the garden.

Sea Lavender (*Limonium sinuatum*) is just such an example. Also known as Statice and Sea Pink, it is native to some regions of Portugal, and it is not rare to find them in the countryside and on roadsides, especially in land of rocky origin.

Both in gardens, or after we pick them and let them dry, the flowers produce very bright effects owing to the profusion of their vivacious colours that range from blue to a whole variety of shades such as pink, yellow, purple, white, lilac or red.

After picking them, put them head downwards until they are dried, keeping the stems upright, and they are then ready to be arranged in jars or vases, in single colours or in a variety as desired: as well as being more colourful, winter will seem more cosy. ■

## Lavanda do MarSea Lavender

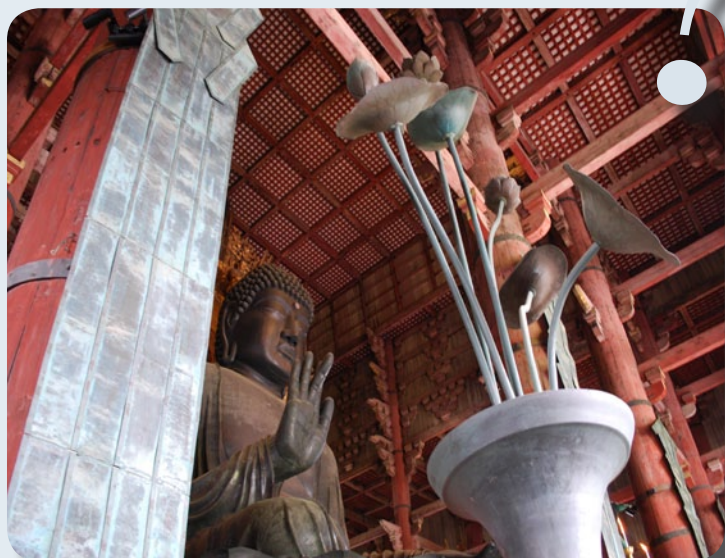




# Passatempo For FUN

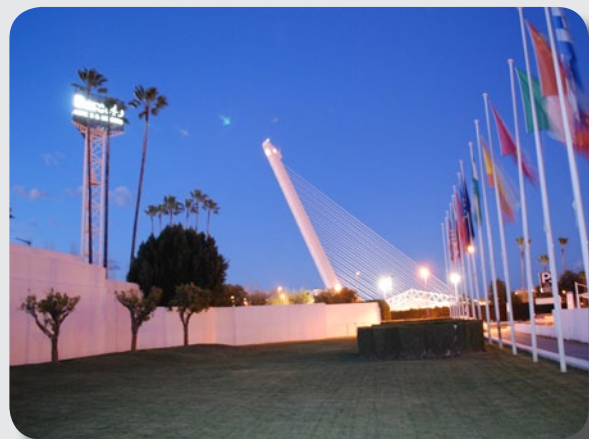
Sabe em que templo está alojada esta imponente escultura, com mais de 400 toneladas, e em que cidade se encontra?

Which is the temple where you can admire this imposing sculpture weighing over 400 tones, and in which city? ■



Na última edição, apenas uma resposta certa: Ponte de Alamillo – Sevilha, do famoso arquiteto Santiago de Calatrava. Parabéns à nossa fiel leitora!

Only one of our faithful readers has got it right: it is the Alamillo Bridge - Seville. Santiago de Calatrava is its famous architect. Congratulations! ■







## As aparências... Appearances...



Dom Biralbo da Porta do Olival

Alguns humanos, é sabido, têm uma curiosidade insaciável que os leva a querer saber o porquê de todas as coisas... Mas só mesmo alguns, porque, ao que parece, a maioria deixa-se levar pela aparência das coisas, sem querer saber se a aparência corresponde ao conteúdo. Bem, já perceberam que estou hoje com um certo pendor crítico, não é? Eu já explico, e digam-me, depois, se não tenho razão.

Diz-se por aí que nós, os canídeos, vemos tudo a preto e branco! Ora, acontece que não é verdade. Eu compreendo que alguns humanos, os tais que preferem a aparência ao conteúdo, queiram ver tudo a preto e branco, fica muito mais simples... mas, lamento decepcionar-vos, não é o nosso caso. Além duma imensa gama de cinzentos, há cores que nós, os canídeos, vemos perfeitamente, como é o caso do azul e do amarelo. Um pouquinho mais confusas de distinguir, para nós, são o vermelho, o laranja e o verde (e é claro que não estou a fazer analogias desportivas, ou outras). Assim, no meu caso, por exemplo, um passarito vermelho num verde jardim, ao contrário do que acontece convosco, é bem capaz de me escapar se estiver quietinho; mas se ele mexer, nem que seja só uma unhita da pata... só lhe resta levantar voo antes de eu lá chegar. É que a nossa falta de visão para algumas cores é compensada por uma capacidade de detetar movimento que faz inveja aos humanos...

Portanto, amigos, preto e branco, definitivamente, não. E não se esqueçam dos vossos velhos ditados tão populares: “As aparências iludem” e... “Nem tudo o que luz é ouro”.

Ah! E, na verdade, “Não há maior cego do que aquele que não quer ver”.

Some humans, as you know, have an insatiable appetite for knowing why everything is like it is. However, only a few have this curiosity, given that most seem happy enough to believe that the cover matches the book. Well, I'm sure you've noticed that today I'm in a bit of a critical mood, haven't you? I'll explain why, and you decide if I'm right or wrong.

It is said that us, canines, see everything in black or white! Well, it's not true. I understand that some humans, those who prefer style over substance, want everything to be black or white, as that makes things much more simple... but, I'm afraid to say that is not the case with us. As well as a vast range of greys, there are colours that us canines can see perfectly well, such as blue and yellow. A little bit more difficult for us to make out are the colours red, orange and green (and let's be clear that I'm not alluding to any sporting analogies, or others). So, in my case, for example, a red bird in a green garden, in contrast to what happens with you, could well escape my vision if it stays still; but if it moves, even so little as its smallest claw, it better start flying or I'll be onto it in a flash. Our poor vision regarding some colours is offset by an ability to detect movement that any human would be envious of.

So, friends, black and white most certainly not. And don't forget your old sayings that are so popular: “Appearances are deceptive” and “All that glitters is not gold”.

Ah! And, the true words, “There's none so blind as those who will not see”.

# An Englishman in Lisbon

## Um inglês em Lisboa

Thomas Kundert



# An Englishman in France

## Um inglês em França

In this column I have opined on some of the idiosyncrasies and customs that stand out through the eyes of an Englishman living in Lisbon. More than two decades living in the Portuguese capital affords me a certain entitlement to make such observations.

A memorable three weeks travelling France from north to south definitely does not allow me to accurately reflect on such matters in relation to France and the French. But I'll do it anyway. Here are 10 random thoughts gleaned from a whistle-stop tour of the country.

1. A positive stereotype corroborated. French food is wonderful. Exquisitely presented, extremely varied and absolutely delicious.
2. A negative stereotype contradicted: French people are not arrogant. In all my contacts with the local population I found the French friendly, open, interesting and interested in others.
3. Double-take – a negative stereotype partly corroborated: French people are arrogant. Purely in terms of football, the confidence of the French media ahead of the Euro 2016 final and the negative way in which the Portuguese team was portrayed smacked of arrogance. Which of course, made Portugal's victory all the sweeter.
4. Splendour with a dark past. On frequent trips north and south, while gazing out of the car window and taking in the expanse of picturesque greenery as we sped past rolling hills, fertile woods and pretty villages, it is incredible to think that such a beautiful landscape was the backdrop to some of the most horrific moments of human history.
5. Paris is big. Very big. Back in the 1990s, when I arrived in Lisbon, it took me some time to adjust to living in what I deemed a large city. After a few days in Paris, I now think I live in a large village.
6. As alluded to above, I was taken aback by the beauty of the countryside, but it's fair to say I was awestruck by the Paris architecture. Simply stunning.
7. Parisians evidently spend a lot of time drinking, dining and looking after appearances. A typical row of establishments in a Paris street goes something like this: café – bar – laundrette – restaurant – café – laundrette – delicatessen – restaurant – convenience store – wine bar – laundrette – café – restaurant.
8. France is expensive. I should have remembered the old saying: "when going on holiday take half the amount of clothing and double the amount of money".
9. An oddity. When finishing your starters in a restaurant or café, the waiters take away your plate, but leave your knife and fork on the table, not even taking care to place them on a napkin, to be used for the main course!
10. Recommended visit. Lyon. A wonderful city, known as the culinary capital of France, a well-earned epithet in my experience, that is teeming with life and energy, but at the same time orderly, and adorned with a magnificent park with real-life lions in it.

É com o olhar de um inglês que vive em Lisboa que tenho opinado nesta coluna sobre algumas idiossincrasias e costumes. Mais de duas décadas a viver na capital portuguesa conferem-me algum privilégio nessas observações.

Três inesquecíveis semanas a percorrer a França de norte a sul, não me permitirão, por certo, refletir da mesma forma sobre a França e os franceses. Mas... atrevo-me a fazê-lo, deixando aqui 10 reflexões despretensiosas recolhidas numa viagem-relâmpago pelo país.

1. Um estereótipo positivo confirmado: a cozinha francesa é excelente. Apresentada com requinte, extremamente variada e absolutamente deliciosa.
2. Um estereótipo negativo refutado: os franceses não são arrogantes. Todos os contactos que tive com a população local deram-me dos franceses a imagem de um povo amável, aberto, interessante e interessado nos outros.
3. Reconsiderando... – estereótipo negativo parcialmente confirmado: os franceses são arrogantes. Cingindo-me agora ao campo futebolístico, a certeza antecipada dos meios de comunicação franceses na final do Euro 2016 e a forma negativa como retrataram a equipa portuguesa padeceram de alguma arrogância. O que, evidentemente, só tornou a vitória de Portugal ainda mais saborosa!
4. Esplendor em fundo negro. Em frequentes idas e vindas de norte a sul, vendo e absorvendo pelas janelas do autocarro extensas paisagens verdejantes ao correr das colinas onduladas, dos bosques férteis e das bonitas aldeias, parecia incrível que tão belos cenários tenham servido de pano de fundo a alguns dos mais horrendos momentos da história humana.
5. Paris é grande. Muito grande. Nos anos 90, quando cheguei a Lisboa, demorei algum tempo a adaptar-me a viver no que então me parecia uma cidade grande. Após alguns dias em Paris, parece-me agora viver numa aldeia grande.
6. Como se deduz do que disse mais acima, fui seduzido pela beleza da paisagem campestre, mas não posso negar que fiquei estupefacto com a arquitetura de Paris. Verdadeiramente admirável.
7. Os parisienses passam obviamente muito tempo a comer, a beber e a cuidar do seu aspeto. Os estabelecimentos numa rua de Paris alinham-se geralmente por esta ordem: café – bar – lavandaria – restaurante – café – lavandaria – confeitaria – restaurante – loja de conveniência – adega – lavandaria – café – restaurante...
- 8 – A França é cara. Devia ter-me lembrado do velho ditado: "quando fores de férias, leva metade da roupa e o dobro do dinheiro"...
9. Peculiar: ao terminar as entradas, num restaurante ou café, os empregados levantam o prato, mas deixam a faca e o garfo na mesa, sem sequer cuidarem de os colocar num guardanapo, para serem usados no prato principal!
10. Visita recomendada: Lyon. Cidade maravilhosa, conhecida como a capital da culinária francesa – um epíteto que é, pela minha experiência, bem merecido –, plena de vida e de energia, mas bem organizada e embelezada com um magnífico parque onde podem admirar-se leões "ao vivo".■



## VINTE E QUATRO HORAS DA VIDA DE UMA MULHER TWENTY-FOUR HOURS IN THE LIFE OF A WOMAN

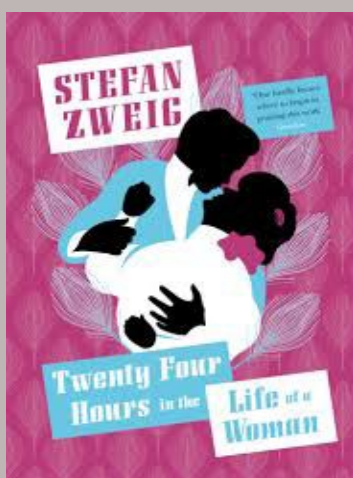
**STEFAN ZWEIG**

Em 2015, o filme *O Grande Hotel Budapeste* (baseado em duas obras do escritor Stefan Zweig) foi vencedor de quatro estatuetas da Academia de Hollywood e, também, um bom pretexto para revisitar aquele que foi um dos grandes autores da primeira metade do século XX.

“Vinte e Quatro Horas na Vida de uma Mulher” é, apenas, um dos títulos da extensa produção de Zweig, entre romances e biografias. Mas é, também, uma das obras que melhor define as extraordinárias capacidades do escritor na caracterização psicológica das personagens e na criação de narrativas apaixonantes.

Stefan Zweig foi romancista, jornalista, dramaturgo e poeta. Suicidou-se em 1942, na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, deprimido com a barbárie nazi que, por essa altura, arrasava a Europa.

O biógrafo brasileiro Alberto Dimes, no seu “Morte no Paraíso – A Tragédia de Stefan Zweig” traça-nos um extraordinário perfil do escritor austríaco plasmado no quadro negro que foi o pano de fundo da primeira metade no século XX europeu: “Amenizados por hífens ou pelo prefixo “neo”, os pavores de Stefan Zweig soam contemporâneos: fanatismo, dogmatismo, puritanismo, xenofobia, arrogância, brutalidade.”



In 2015, “The Budapest Hotel” film (based on two works by the writer Stefan Zweig) won four Hollywood Academy Oscars, which is as good a pretext as any to revisit one of the great authors of the first half of the 20th century.

“Twenty-Four Hours in the Life of a Woman” is just one of the books from Zweig’s prodigious production line, which includes novels and biographies. But it is also one of the works that best defines the writer’s extraordinary skill in psychologically depicting his characters and the creation of amazing narratives.

Stefan Zweig was a novelist, journalist, playwright and poet. He committed suicide in 1942, in the city of Petropolis, in the state of Rio de Janeiro, depressed by the Nazi barbarism that was sweeping through Europe.

The Brazilian biographer, Alberto Dimes, in his “Death in Paradise, the Tragedy of Stefan Zweig” brings us the extraordinary profile of the Austrian writer set against the dark backdrop of the first half of the 20th century in Europe: “Tempered by hyphens and by the prefix “neo”, the fears that haunted Stefan Zweig sound contemporary: fanaticism, dogmatism, puritanism, xenophobia, arrogance, brutality.”

## CONSCIÊNCIA CONSCIENCE

*Cada minuto uma questão  
Mil fronteiras que venço ou que não venço  
Mas nenhuma de mais dura e duradoura combustão:  
ser o que penso*

(Mário Dionísio in *As Solicitações e Emboscadas*, 1945)

*Every minute a question  
A thousand frontiers that I overcome or do not  
But none tougher or of more lasting combustion:  
being what I think*

(Mário Dionísio in *As Solicitações e Emboscadas*  
(Requests and Ambushes), 1945)

**MÁRIO DIONÍSIO \***

**\*MÁRIO DIONÍSIO (1916-1993)** - ENSAÍSTA, POETA, PINTOR, ROMANCISTA, NOME MAIOR DAS LETRAS E ARTES PORTUGUESAS. FUNDADOR DA CORRENTE NEORREALISTA, MÁRIO DIONÍSIO ENVOLVE-SE AO LONGO DA VIDA EM IMPORTANTES POLÊMICAS, BUSCANDO “TORNAR CLARA” A SUA CONCEÇÃO DE NEORREALISMO COMO “UM RENASCIMENTO EM QUE CABIAM TODAS AS TENDÊNCIAS, TODAS AS ESCOLAS, TODAS AS TRADIÇÕES E TODAS AS INOVAÇÕES”, NÃO PRETENDENDO, PORTANTO, SER “UMA ESCOLA LITERÁRIA (...), NEM A DOGMÁTICA IMPOSIÇÃO DE CERTOS ASSUNTOS (...) MAS QUALQUER COISA TÃO VASTA E REVOLUCIONÁRIA COMO O RENASCIMENTO O FORA” - CONFORME PREFÁCIO DE 1964 AO ROMANCE *CASA NA DUNA*, DE CARLOS DE OLIVEIRA. A SUA POSIÇÃO PERANTE A HISTÓRIA E AS PROBLEMÁTICAS ESTÉTICAS DO NEORREALISMO É, POR ISSO, LONGAMENTE ANALISADA NA SUA OBRA LITERÁRIA MAIS DESTACADA, “*A PALETA E O MUNDO*”, EM CINCO VOLUMES PUBLICADOS ENTRE 1956 E 1973, TAL COMO EM *AUTORRETRATO* (1990).

**MÁRIO DIONÍSIO (1916-1993)** - ESSAYIST, POET, PAINTER AND NOVELIST, IS ONE OF THE GREATEST NAMES IN PORTUGUESE ART AND LITERATURE. FOUNDER OF THE NEOREALIST MOVEMENT, MÁRIO DIONÍSIO INVOLVED HIMSELF IN MAJOR CONTROVERSIES THROUGHOUT HIS LIFE, SEEKING TO “MAKE IT CLEAR” THAT HIS IDEA OF NEOREALISM WAS “A REBIRTH THAT ACCOMMODATED ALL TENDENCIES, ALL SCHOOLS, ALL TRADITIONS AND ALL INNOVATIONS.” HE THEREFORE INTENDED IT TO BE “NEITHER A LITERARY SCHOOL (...), NOR THE PURVEYOR OF A DOGMATIC IMPOSITION OF CERTAIN MATTERS (...) BUT SOMETHING AS VAST AND REVOLUTIONARY AS THE RENAISSANCE HAD BEEN” – AS WRITTEN IN THE 1964 PREFACE OF CARLOS DE OLIVEIRA’S *CASA NA DUNA* NOVEL. HIS POSITION IN RELATION TO HISTORY AND THE AESTHETIC PROBLEMS OF NEOREALISM IS THEREFORE ANALYSED AT LENGTH IN HIS MOST WELL-KNOWN LITERARY WORK, *A PALETA E O MUNDO* (THE PALETTE AND THE WORLD), IN FIVE VOLUMES PUBLISHED BETWEEN 1956 AND 1973, AS WELL AS IN *AUTORRETRATO* (SELF-PORTRAIT) (1990).

# MACRIUM REFLECT

BEEFECT







Foram já várias as vezes em que realçamos a importância de fazer cópias de segurança dos nossos ficheiros, até porque, com os serviços de armazenamento na nuvem cada vez mais baratos, não há razões para não salvaguardar o nosso trabalho. Mas, hoje, trazemos um serviço diferente, a solução para quando temos necessidade de trocar de disco rígido nos nossos computadores, seja por motivos tecnológicos, falta de espaço ou apenas para obter uma cópia de segurança.

Apresentamos, assim, o Macrium Reflect, uma aplicação que permite fazer uma cópia exata do disco rígido, também conhecida por imagem, incluindo as partições, ficheiros e até o sistema operativo, podendo depois, e em caso de necessidade, fazer uma reposição exata do disco de uma forma rápida, fácil e segura.

Vamos, então, aprender como se faz.

Para obter o software - [www.macrium.com](http://www.macrium.com)

Depois de obter e instalar o programa seguimos estes passos:

– Na primeira vez que usa o programa deve **criar um volume de recuperação** que serve para fazer arrancar o computador no caso de o seu disco deixar de funcionar. Pode ser um DVD ou uma pen USB. Para tal, clique no botão com disco que aparece logo por baixo do menu File para iniciar o processo de criação deste volume de recuperação.

– Devemos escolher agora se queremos Clonagem ou Imagem. A **Clonagem** faz uma cópia exata do disco rígido, bit a bit. Este é o método mais indicado para fazer uma cópia direta de um disco para outro, realçando que o novo disco tem de ter, pelo menos, a mesma capacidade do original.

A segunda opção, **Imagem** serve para fazer uma cópia para guardar num suporte externo como DVD ou PEN / Disco Externo.

– Para criar uma imagem, clique na opção **Image this disk** que aparece por baixo do gráfico correspondente ao seu disco de arranque. Se o gráfico estiver dividido, as partes que surgem referem partições existentes. Essas partições também vão ser incluídas na cópia.

– Agora, é necessário escolher o destino da nossa cópia: pode gravar a imagem para um disco externo. Para o usar, basta ligá-lo ao computador e escolhê-lo na lista de dispositivos de destino.

– Para iniciar a cópia, clique em **Next** e depois em **Finish**. É importante que deixe o computador a fazer a cópia sem lhe mexer, para que o conteúdo do disco não se altere muito.

– A última fase será, por boa prática, verificar a cópia. Assim, o melhor a fazer é testar o disco de arranque para garantir que funciona. Coloque o disco / Pen que criou no passo 1 e reinicie o computador. Deve aparecer uma janela com um assistente de reposição.

Se tudo correu bem, ficou com uma cópia exata do seu disco rígido e preparado para o pior. Não se esqueça de que, à medida que vai usando o seu computador, vai criando novos ficheiros que vão ter de ser adicionados à sua cópia de segurança, pelo que é importante atualizar a imagem com alguma periodicidade.

We have drawn your attention several times to the importance of making security copies of our files, and with cloud services increasingly cheap there is no excuse for not safeguarding our work. Today, however, we bring you a different service: the solution for when we have to change the hard disk in our computers, be it for technological reasons, because of lack of space or just to obtain a safety copy.

Hence, we present the Macrium Reflect, an application that allows an exact copy of the hard disk, also known as an image, to be made, including the partitions, files and even the operating system, so we can subsequently implement an exact restoration of the disk in a quick, easy and safe way, if need be. Let's learn how to do it.

To obtain the software go to: [www.macrium.com](http://www.macrium.com)

After obtaining and installing the program, take the following steps:

– The first time you use the program you should **create a recovery volume** that serves to start up the computer if your disk stops working. This can be a DVD or a USB pen. To do so, click on the disk icon below the File menu to start the process of creating the recovery volume.

– Next, we choose if we want Cloning or Image. **Cloning** makes an exact copy of the hard disk, bit by bit. This method is recommended for making a direct copy from one disk to another, where the new disk has to have at least the same capacity as the original.

The second option, **Image**, serves to make a copy to store on an external device such as a DVD or PEN / External Disk.

– To create an image, click on the **Image this disk** option that appears below the graph corresponding to your start-up disk. If the graph is divided, the parts that are shown refer to the existing partitions. These partitions will also be included in the copy.

– We now have to choose the destination of our copy: you can save the image to an external disk. To use it, simply connect it to the computer and select it from the list of destination devices.

– To start the copying process, click **Next** and then **Finish**. It is important that you let the computer make the copy without touching it, so the content of the disk does not change much.

– Good practice dictates that the last step is checking the copy. To do so, the best idea is to test the start-up disk to make sure it works. Insert the disk / Pen you created in step 1 and restart the computer. A window should appear with a restore assistant.

If all went well, you will have an exact copy of your hard disk and you are now prepared for the worst. Do not forget that as you continue to use your computer you will create new files that will have to be added to your safety copy, so it is important to update the image at regular intervals.

# ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Recordamos nestas páginas fotografias do nosso sócio fundador, Sílvio Oliveira, e também citações extraídas dos seus livros e autores preferidos.

“Podemos partilhar conhecimentos, mas não a sabedoria. Podemos encontrá-la, podemos vivê-la, podemos ganhar importância com ela, podemos fazer maravilhas com ela, mas não podemos comunicá-la e ensiná-la.”

Siddhartha

Hermann Hesse



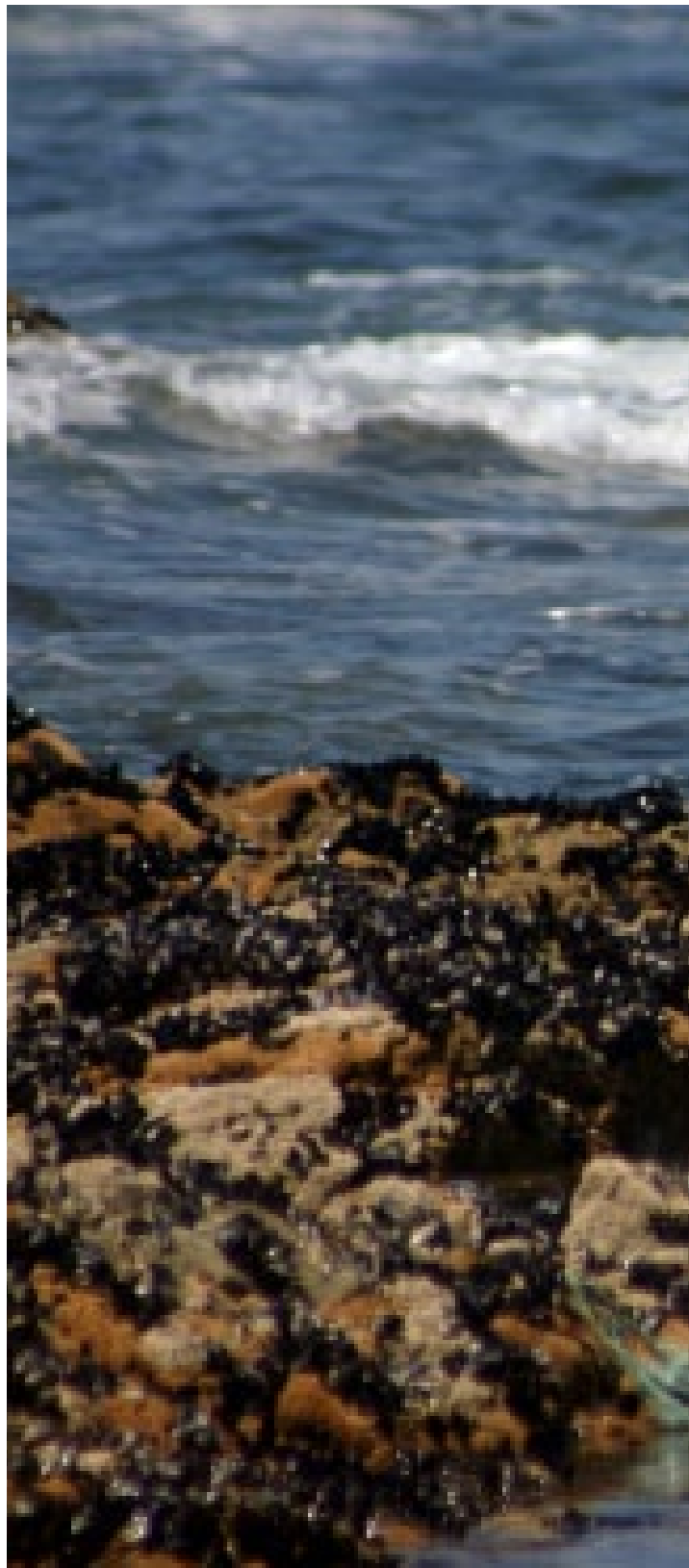
# PHOTO ALBUM

On these pages we gather photographs in remembrance of our founding partner, Sílvio Oliveira, and also citations from his preferred books and authors.

“Knowledge can be communicated, but not wisdom. One can find it, live it, be fortified by it, do wonders through it, but one cannot communicate and teach it.”

Siddhartha

Hermann Hesse





















**da  
FORMOSA  
ao RIO das  
PÉROLAS  
from  
FORMOSA  
to  
PEARL RIVER**





## - Ah! minha Dinamene!

## - Ah! my Dinamene!



Margarida Fonseca Silva

Fotos de / Photos by Yang Lin

Em fins da primeira metade do século XVI, Macau é uma incipiente colônia mercantil, junto à foz do Rio das Pérolas, onde os portugueses, com astúcia e paciência, se vão fixando à medida que a China rechaça a sua presença doutras paragens como Liampó, a norte, ou Chinchéu, frente à Formosa, ou, ainda, Sangchuang, a oeste de Macau, onde morreu São Francisco Xavier.

A chineses e portugueses interessava o comércio com o Japão: mas, se à China não convinham laços diretos, pelas relações conflituosas, com o vizinho império, aos portugueses interessava sobremaneira a intermediação entre uns e outros. Em 1557, finalmente, conseguem os portugueses autorização da China para o estabelecimento de uma base para a sua frota mercantil em Macau.

Ora corria, justamente, esse longínquo ano de 1557 quando, vítima de intrigas da Corte, Camões se viu feito prisioneiro em Macau, e obrigado a abandonar a gruta de Patane que, durante dois anos, em tão remotas paragens, lhe servira de refúgio das mesmas (ou outras) intrigas cortesãs. Já nesse tempo, tal como hoje ainda, a inveja era um vício que consumia o reino, talvez o único igualmente partilhado por clero, nobreza e povo.

Constrangido a embarcar de regresso à pátria, conta a lenda que Camões é abordado por uma bela chinesa de Patane que ali lhe declara os seus amores, logo retribuídos pelo romântico poeta luso, embarcando ambos numa das famosas Naus da Prata. Menos penoso lhe teria sido o cativo, tivesse a nau chegado a bom porto. Reza a história que em violenta tempestade nos mares do sul conseguiria Camões salvar as páginas do *Lusíadas*, mas veria naufragar para sempre o corpo da sua amada.

Dinamene lhe chamou o poeta, Tin-Nam-Men seria o seu nome, Porta do Sul, ou Porta do Paraíso.

### “Voluntária cegueira”

Só para pisar a terra que foi refúgio de Camões, e onde viveram nomes maiores

da Literatura portuguesa como Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes, já terá valido a pena viajar até essa minúscula península lá bem no sul da imensa China.

Cautela, porém, recomenda-se ao português que, de Macau, leva no pensamento um talvez excessivo imaginário de exóticos orientes entretecidos na auréola das velhas Descobertas.

*“Para nos mantermos apaixonados por aquele sítio, fidelidade, voluntária cegueira, eram precisas!... Eu tinha-o descoberto dez anos antes, ainda sob a forma de burgo colonial imobilizado nos anos quarenta e, a seguir, vira-o metamorfosear-se velozmente em medonho subúrbio, graças a arquitectos medíocres que de todas as maneiras e feitios*

*lhe tinham arrancado a velha alma secular, a velha alma luso-asiática.”*

Antoine Volodine in “Macau” (Editions du Seuil, 2009 e Sextante Editora, 2012)

“Voluntária cegueira”, pois, seria precisa, para não ver os horríveis mamarrachos plantados a esmo e literalmente em cima dos bairros do velho Macau, altíssimos caixotes de betão que deram ao antigo burgo luso-chinês um aspeto de subúrbio caótico e descaracterizado.

Melhor será que situemos o território onde ele está, ou seja, na China, num minúsculo enclave que mais se assemelha a uma pulga no dorso do enorme elefante chinês. É que, à animadora surpresa de encontrar, desde a chegada ao aeroporto, a língua de >>











Camões tão profusamente exibida como se em Portugal mesmo nos encontrássemos, seguir-se-á em breve a estranha sensação de nos acharmos num palco ocupado por atores que não falam a mesma língua do cenário. Na verdade, dos mais de 600 mil habitantes de Macau, pouco mais do que os portugueses ali residentes (1,8 por cento da população) falam a nossa língua...

Dizia Bocage, na sua passagem por Macau, vindo da Índia, em fins do século XVIII:

(...)

*Dois colégios, e um deles muito mau,  
Um senado que a tudo é superior,  
É quanto Portugal tem em Macau*

Um século depois seria inaugurado o Liceu de Macau, onde ensinou Camilo Pessanha que, ao tempo, comentaria ser *“tão espaçoso o edifício do liceu como diminuto o número de alunos que o frequenta”*. E, já em 1963, quando lecionava em Macau, desabafava Maria Ondina Braga no seu livro *“Estátua de Sal”*:

*“Tenho de dar lições particulares à noite porque o colégio paga muito mal. (...) Até me envergonho de dizer quanto ganho. Colégio católico, de religiosas, mais de mil alunas, as filhas de chineses ricos, as filhas do governador!”*

Em Macau, como em tantos territórios do antigo império colonial, só perante a iminência da perda ocorreria às autoridades “de cá” a lembrança da existência dos povos “de lá”. Terá, certamente, pecado por tardia, mas intensíssima foi, nas décadas que precederam a passagem do milénio, a preocupação de preservação do património e de uma agenda de eventos divulgadores da língua e cultura portuguesas, estreitando laços entre as populações macaense e chinesa. Muitas dessas manifestações adquiriram uma notoriedade que se vem afirmando e expandindo nos dias de hoje, atraindo nomes maiores da literatura e do mundo das artes. Mas terão elas reflexos reais no futuro da língua de Camões em Macau? Ou transformar-se-ão, progressivamente, em meros símbolos de uma lusitanidade cada vez mais alegórica e distante?

Lá nos confins do Oriente, numa nesga de território cuja densidade populacional consta ser agora a maior do mundo, com mais de 98% de residentes oriundos sobretudo da China e das Filipinas, mas

também da Índia, de Timor, do Japão... encontrar nobres pedras de muralhas e fortalezas que contam páginas da nossa velha História... talvez, sim, nos permita ainda aperceber algures “a velha alma secular, a velha alma luso-asiática”.

Em busca dela fomos até ao delta do Rio das Pérolas... em busca dela voltaremos a estas páginas, na nossa próxima edição.



At the end of the first half of the 16th century Macao was an incipient trading colony, next to the estuary of the Pearl River, where the Portuguese wisely and patiently settled as China repelled their presence in other places such as Ningbo, to the north, or Quanzhou, facing the Taiwan Strait, or Shangchuan, to the west, where Saint Francisco Xavier died.

The Chinese and Portuguese wanted to trade with Japan, but while China avoided direct contacts, given the turbulent relationship with the Imperial neighbour, the Portuguese sought above all to act as intermediaries between the two. In 1557 the Portuguese finally received permission from China to establish a base for its merchant fleet in Macao.

It was precisely in this long-gone year of 1557 that, owing to intrigues of the Court, Camões was made a prisoner in Macao and forced to leave the Patane cave, a remote shelter where he had taken refuge for two years from these (or other) courtesan intrigues. Back then, as today, envy was a vice that consumed the kingdom, perhaps the only one that was equally shared by the clergy, the nobility and the people.

Reluctant to embark on a homeward journey, legend has it that Camões was approached by a beautiful Chinese woman in Patane, who declared her love for him, which was immediately requited by the romantic Portuguese poet, with the two of them boarding one of the famous Silver Ships. His captivity would have been less painful had the ship arrived safely to its destination. The story goes that in a violent storm in the southern seas Camões managed to save the pages of his *Lusíadas*, but was powerless to prevent the drowning of his loved one.

The poet called her Dinamene, and her real name would have been Tin-Nam-Men, which means South Gate, or Paradise Gate.

>>





### *“Voluntary blindness”*

Just to walk on the same land that was Camões’ refuge, and where the greatest names of Portuguese literature lived, such as Camilo Pessanha and Wenceslau de Moraes, would have made the journey to this tiny peninsula in the deep south of the vastness of China worthwhile.

Prudence recommends, however, that on a visit to Macao one does not exceed in expectations of eastern exoticness intertwined with the halo of the old Discoveries.

*“To stay in love with that place requires an act of faith and voluntary blindness! I had discovered it ten years previously, still in the form of a colonial settlement frozen in the forties, and then saw it transform rapidly into a fearful suburb thanks to dull architects who used every device to sap its centuries-old soul, the ancient Portuguese-Asiatic soul.”*

Antoine Volodine in “Macao” (Editions du Seuil, 2009)

“Voluntary blindness” is needed to shield oneself from the eyesores endlessly erected at random and literally on top of the old Macao quarter, high-rise concrete boxes that lend the old Portuguese-Chinese settlement a chaotic and disordered look.

The best thing to do is to situate the territory where it is, in other words, in China, in a miniscule enclave that bears resemblance to

a flea on the back of an enormous Chinese elephant. The pleasant surprise of arriving at the airport and finding the “language of Camões” so omnipresent, as if we were in Portugal itself, is soon followed by a brief and weird sensation that we are on a stage occupied by actors who do not speak the same language as the backdrop. In truth, among Macao’s population of over 600,000, few people other than the residing Portuguese community (1.8% of the whole population) speak Portuguese.

Bocage said, of his journey through Macao coming from India, at the end of the 18th century:  
(...)

*Two colleges, one of which is very bad,  
One senate who is superior to everything,  
Is all Portugal has in Macao*

One century later Macao Secondary School would be opened, where Camilo Pessanha taught, who at the time commented that *“the secondary school building is as spacious as the number of students who attend it is sparse.”*

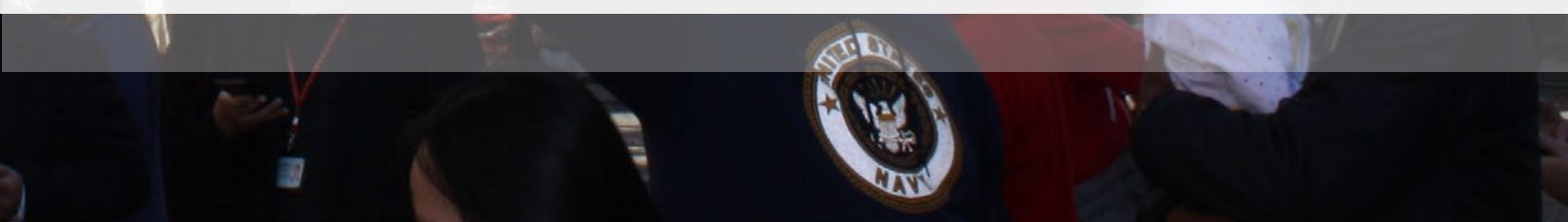
And in 1963, when she taught in Macao, the Portuguese writer Maria Ondina Braga complained in her book “Estátua de Sal” (Pillar of Sault): *“I have to give private lessons at night because the college pays so poorly. (...) I’m embarrassed to say how much I earn at a Catholic college, run by the religious, with over one thousand students, the daughters of rich Chinese citizens, the daughters of the governor!”*

In Macao, like in so many other places of the old colonial empire, only upon the imminent loss of the territory did the authorities “here” give a second thought to the existence of the people “there”. They were certainly late in waking up, but an intense effort was made in the decades that preceded the turning of the millennium to conserve the heritage and organise an array of events to disseminate the Portuguese language and culture, strengthening ties between the populations of Macao and China. Many of these events acquired a prestigious reputation that progressively solidified and expanded, and today they attract the biggest names in literature and in the art world. But will they have any real impact on the future of the language of Camões in Macao? Or will they steadily transform into mere symbols of an increasingly allegorical and distant Portugueseness?

There in the far East, on a slither of land which has the highest population density in the world, with over 98% of residents coming mainly from China and the Philippines, but also from India, Timor, Japan, upon finding noble stones from walls and forts that relate the pages of our old History, perhaps we can yet unearth here and there remnants of “the centuries-old soul, the ancient Portuguese-Asiatic soul”.

We went to the delta of the Pearl River in search of this soul, and the story of our quest will proceed in the pages of the next edition. ■









Esperamos que tenha gostado. Voltamos em dezembro.  
Hope you have enjoyed. We will be back in December.